

Esperança e suporte social na adolescência: um estudo quali quantitativo

Hope and social support in adolescence: a qualitative-quantitative study

Cláudia Yaísa Gonçalves da Silva
Ivonise Fernandes da Mota²

RESUMO

O objetivo do estudo é identificar a percepção de suporte social em adolescentes escolares e correlacionar com a avaliação do nível de esperança. O estudo quali quantitativo contou com uma amostra de estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º ano do Ensino Médio, de uma escola pública da cidade de São Paulo – SP. Realizou-se encontros em grupo com cada turma e foram utilizados os seguintes instrumentos: Escala de Esperança de Herth (EEH), Procedimento de Desenhos-Estória com Tema e Questionário. A análise dos resultados está fundamentada na teoria psicanalítica de D.W. Winnicott. Os resultados do escore médio obtido na escala evidenciam esperança moderada. Os demais instrumentos revelam que os participantes experimentam inquietudes e conflitos pertinentes à faixa etária que se encontram, contudo, aspiram o alcance de um futuro positivo e reconhecem manter interações sociais com família, amigos, escola e relacionamentos amorosos. Sobretudo os pais foram mencionados pelos participantes como principal rede de suporte social. Os resultados mostram que contar com o suporte social na adolescência pode ser importante fator para a manutenção da esperança. Os achados da pesquisa ressaltam o papel do ambiente como facilitador do amadurecimento saudável na adolescência, contribuindo para ações de prevenção em saúde mental.

Palavras-chave: adolescência; suporte social; esperança; psicanálise.

ABSTRACT

The objective of the study is to identify the perception of social support among school adolescents and correlate it with the assessment of the level of hope. This qualitative-quantitative study included a sample of students from the 9th grade of Elementary School and the 1st year of High School in a public school in the city of São Paulo, SP. Group meetings were held with each class, and the following instruments were used: Herth Hope Index (HHI), Story-Drawing Procedure with Theme, and Questionnaire. The analysis of the results is based on D.W. Winnicott's psychoanalytic theory. The results of the average score obtained on the scale indicate moderate hope. The other instruments reveal that the participants experience anxieties and conflicts pertinent to their age group, yet they aspire to achieve a positive future and recognize maintaining social interactions with family, friends, school, and romantic relationships. Above all, parents were mentioned by the participants as the main social support network. The results show that having social support during adolescence can be an important factor in maintaining hope. The research findings highlight the role of the environment as a facilitator of healthy maturation during adolescence, contributing to mental health prevention actions.

Keywords: adolescence; social support; hope; psychoanalysis.

1 Doutora e Mestra em Psicologia Clínica pela USP. Graduação em Psicologia pela Universidade Estadual de Maringá (UEM).

2 Doutora, mestra em Psicologia Clínica pela USP/SP. Graduada em Psicologia pela USP/SP. Professora permanente no PPG em Psicologia Clínica na mesma instituição.

Na adolescência, o indivíduo pouco a pouco se afasta da infância e das experiências de dependência, para se enveredar em um caminho mais autônomo. Para tanto, existe a necessidade de contar com um ambiente facilitador para o processo de amadurecimento, sendo este comumente a família. Se essa não estiver disponível, o adolescente necessitará do apoio de outras unidades sociais para acompanhá-lo e dar contorno ao seu crescimento (Winnicott, 2021).

Espera-se, nesse estágio, que na fantasia inconsciente o adolescente mate os pais da infância, “pois crescer, significa assumir o lugar dos pais” (Winnicott, 2021, p.187). Para isso, exige-se certo grau de agressividade e ataque às instâncias dominantes, ainda que não haja uma manifestação aparente de rebeldia. Também para o adolescente é difícil assimilar a experiência de morte e triunfo pessoal frente aos pais. Em certos casos, por exemplo, tal conflito pode se expressar como impulso suicida.

A adolescência saudável inclui experiências de socialização, isso que dizer que o indivíduo passa a se identificar com outros elementos da sociedade, para além da família. Pode acontecer de os pais não entenderem bem o seu papel, em meio aos comportamentos de rebeldia e dependência do adolescente (Winnicott, 2022). O autor explica que não cabe aos pais aguardarem recompensa ou reconhecimento pela boa provisão ambiental destinada aos filhos, a recompensa acontece de forma indireta. Espera-se que os filhos possam viver melhor que os pais e alcançarem melhores oportunidades de realização pessoal (Winnicott, 2021).

Uma característica dessa faixa etária é a construção da identidade, portanto, o adolescente ainda não reconhece exatamente quem é, não estabeleceu um modo de vida pensando no futuro e pode ver pouco sentido a se dedicar aos estudos. Pelo fato de a identidade não estar firmada, a tendência é rejeitar o que entende ser uma solução falsa, sobretudo quando as soluções são oferecidas pelos adultos (Winnicott, 2022). Outro aspecto significativo dessa etapa é a capacidade de usar o impulso criativo, o brincar e a espontaneidade. Nesse sentido, o psicanalista reforça que a imaturidade faz parte da adolescência, é a partir dela que o indivíduo insere pensamentos novos, aspirações e idealismos sobre a vida, pois tem liberdade de agir por impulso em algumas circunstâncias, sem a preocupação e responsabilidade com o longo prazo (Winnicott, 2021).

A expressão da esperança na adolescência

A esperança na adolescência possui correlação positiva com a percepção de apoio social decorrente das interações familiares, escolares e de amizades (Archer, Jiang, Thurston, & Floyd, 2019; Thomas, da Cunha, & Santo, 2022; Li, Zhan, Chen, & Ren, 2021). Os pontos fortes que ligam as pessoas entre si, favorecem o estado de bem-estar e o sentimento de inclusão na adolescência, fortalecendo o elo entre forças de caráter e saúde mental positiva, mantendo bons níveis de esperança, gratidão, autocompaixão e autoestima (Ahrnberg, Appelqvist-Schmidlechner, Mustonen, Fröjd, & Aktan-Collan, 2021; Jiang, Ren, Zhu, & You, 2022).

Reconhece-se que, nessa faixa etária, a qualidade da socialização e o sentimento de pertencimento, são aspectos que tendem a influenciar no estado emocional do adolescente. A esperança, o pertencimento escolar e outros fatores psicossociais relacionados à escola podem predizer a função executiva dos adolescentes, no que diz respeito a tempo, organização, resolução de problemas, motivação, foco e avaliação das consequências futuras. Ademais, quando o adolescente sente que possui importância para os outros e tem esperança, apresenta maiores chances de se sentir motivado em relação ao próprio futuro (Dixson & Scalcucci, 2021; Somers, Gill-Scalcucci, Flett, & Nepon, 2022). Enfatiza-se aqui, a importância das interações sociais, como ponto que pode interferir no estado emocional do adolescente.

Por outro lado, a vitimização entre pares, pode ser associada ao aparecimento de sintomas depressivos elevados, sintomas ansiosos, desânimo e desesperança na adolescência (Beattie et al., 2019; Ricker et al., 2022). Também o sentimento de não importância para os outros contribui para uma menor esperança, comportamentos de risco, dificuldades no desempenho acadêmico e menor orientação ao alcance de objetivos futuros (Somers et al., 2022).

Na fase da adolescência, há que se considerar, sobretudo, a influência do contexto familiar no desenvolvimento emocional do adolescente. Isso porque, a família é um dos principais ambientes responsáveis pela educação e pelo acompanhamento do indivíduo até que se alcance a maioridade. Em alguns casos, as experiências familiares são mais significativas para prevenir

comportamentos destrutivos do adolescente, do que as experiências escolares (Archer et al., 2019; Jiang, et al., 2022).

O adolescente exposto a um estilo parental negativo, de rejeição ou superproteção, pode experimentar maior tensão, ansiedade e sobrecarga. Nestes casos, aumenta-se a chance de se ter emoções negativas sobre si mesmo, contribuindo para o sofrimento psicológico e a predisposição à ideação suicida. Vale sinalizar que, diante de um estilo parental negativo, altos níveis de esperança não impedem que se tenha emoções negativas, mas podem minimizar outras consequências indesejáveis (Guan, Liu, Ma, & Liu, 2023), o que reforça o aspecto protetivo da esperança.

Por outro lado, vínculos positivos entre pais e filhos, o apoio parental e a forma como os pais lidam com as emoções frente às intercorrências, podem beneficiar o adolescente a obter recursos para lidar com as próprias emoções. Isso porque os filhos aprendem observando, imitando e internalizando padrões familiares (Guan et al., 2023; Hu & Jiang, 2022; Lu, Wu, & Zhao, 2023).

A esse respeito, estudos indicaram correlação positiva entre esperança, apego parental e competência para resolução de problemas, e entre esperança, regulação emocional e autoeficácia, contribuindo para a resiliência na adolescência. A regulação emocional dos pais facilita que o adolescente tenha uma base mais segura para o estabelecimento de uma autoavaliação mais otimista e um pensamento orientado para se atingir objetivos (Hu & Jiang, 2022; Lu et al., 2023). Além disso, as experiências familiares podem mediar a associação entre gratidão, esperança e autolesão não suicida, reforçando que um ambiente familiar saudável tende a contribuir para a proteção da saúde mental do adolescente (Jiang et al., 2022).

Com base no que foi apresentado, o objetivo deste estudo é identificar a percepção de suporte social em adolescentes escolares e correlacionar com a avaliação do nível de esperança.

MÉTODOS

Trata-se de um estudo de método misto, com uma combinação de abordagem quali-quantitativa. Nesse tipo de estudo, acontece a coleta e a análise dos dados qualitativos e quantitativos, seguindo o rigor científico, mas considerando

uma determinada visão de mundo, a partir de perspectivas teóricas (Creswell & Clark, 2013). Em relação aos procedimentos, pode ser classificado como uma pesquisa-ação, a qual engloba o envolvimento ativo do pesquisador com as pessoas investigadas e a problemática a ser estudada. Além de propor a transformação de uma dada realidade por meio da participação e cooperação dos envolvidos na mobilização de uma situação social ou de um problema coletivo (Gil, 2017). A análise dos dados será realizada a partir da perspectiva teórica psicanalítica de D. W. Winnicott.

Participantes

Participaram da pesquisa adolescentes de 13 a 15 anos, dos gêneros feminino e masculino, estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental e do 1º ano do Ensino Médio de uma escola de aplicação pública da cidade de São Paulo. A amostra foi definida por critérios de conveniência, buscando contemplar alunos que estivessem concluindo uma etapa escolar e iniciando outra.

Local

Escola de Aplicação de Ensino Fundamental e Médio, ligada à Faculdade de Educação, de uma universidade pública da cidade de São Paulo – SP.

Instrumentos

Para levantamento dos dados quantitativos, utilizou-se a Escala de Esperança de Herth (EEH). O instrumento é de preenchimento individual, abrangendo 12 afirmações de escala do tipo Likert, com escores de 1 a 4, onde 1 significa *discordo completamente* e 4 *concordo completamente*. As afirmações de números 3 e 6 possuem escores invertidos. A variação do escore é de 12 a 48 pontos, de forma que quanto maior o escore, maior o nível de esperança (Sartore & Grossi, 2008). Um dos instrumentos qualitativos foi o Procedimento de Desenhos-Estória com Tema, com desenho temático e escrita de história, seguido de diálogo (Aiello-Vaisberg, 1999). A utilização desse instrumento possui a capacidade de favorecer a expressão de aspectos subjetivos do indivíduo de forma mais livre e menos defensiva do que por meio de uma abordagem mais direta ou objetiva. O outro instrumento aplicado foi o questionário elaborado especificamente para o presente estu-

do, tendo como base as afirmações da EEH. O questionário abrange 12 questões abertas, na intenção de explorar as percepções sobre a vida atual, esperança, perspectivas de futuro e rede de suporte social.

Procedimentos

Inicialmente aconteceu a submissão e a aprovação do estudo pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos. Em seguida, a proposta passou pela avaliação de uma comissão na instituição escolar onde o estudo aconteceu. Após reuniões com a escola para estabelecimento do cronograma de trabalho, deu-se início ao estudo. Este ocorreu ao longo de três encontros em grupo, com alunos do 1º ano do Ensino Médio e, em seguida, três encontros com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, de uma escola de aplicação pública da cidade de São Paulo – SP. Os responsáveis legais preencheram um formulário on-line de aceite e ciência para a participação dos alunos. O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) foi assinado pela Orientadora Pedagógica, responsável pelo acompanhamento da pesquisa. Os estudantes foram convidados a participar voluntariamente, por meio da assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE). Todos os alunos matriculados nas duas séries foram convidados a participar. Cada encontro teve a duração de cinquenta minutos, sendo realizado presencialmente nas dependências da escola.

O projeto apresentado à escola levou o título de Projeto Bem-Estar na Adolescência, cuja proposta foi a de fomentar o bem-estar e a prevenção em saúde mental, oportunizando um ambiente de escuta, acolhimento e trocas de experiências sobre a adolescência. No primeiro encontro, fez-se a apresentação aos alunos da proposta da pesquisa, esclarecida a voluntariedade da participação e coletadas as assinaturas no TALE. Nesse primeiro dia, aplicou-se a Escala de Esperança de Herth (EEH) e, ao final, conduziu-se uma dinâmica com recorte e colagem sobre desafios da adolescência. No segundo encontro, utilizou-se o Procedimento de Desenhos-Estória

com Tema, com a proposta temática de desenhar e escrever uma história sobre um adolescente que não está bem. Os participantes foram convidados a voluntariamente compartilhar as suas produções com os colegas e, complementarmente, a pesquisadora incentivou o grupo a propor ideias para a resolução dos problemas que surgiram nas narrativas. No último dia, foi solicitado o preenchimento de um questionário desenvolvido para o estudo, a fim de explorar as respostas dos participantes sobre as percepções sobre a vida atual, esperança, perspectivas de futuro e rede de suporte social. Posteriormente, foi realizado um *feedback* para a instituição escolar, visando auxiliar o acompanhamento dos alunos e a tomada de decisão da equipe pedagógica.

RESULTADOS

Para este trabalho foram consideradas as respostas de 15 estudantes do 9º ano do Ensino Fundamental (EF) e do 1º ano do Ensino Médio (EM). Como a participação no estudo foi voluntária, houve uma variação na frequência dos estudantes em cada encontro. Portanto, de um total de 40 participantes que compareceram no primeiro encontro, neste estudo serão apresentados os resultados dos alunos que frequentaram todos os encontros, sendo nove estudantes do 9º ano do EF e seis alunos do 1º ano do EM.

Escala de Esperança

No primeiro encontro foi aplicada a Escala de Esperança de Herth (EEH). A média geral no escore de esperança indicou esperança moderada. A tabela a seguir informa o maior e o menor escore de esperança dos participantes de cada turma, bem como a média por turma e a média geral.

Tabela 1. Resultado da Escala de Esperança de Herth

Variável	9º ano do Ensino Fundamental			1º ano do Ensino Médio			
	Maior Escore	Menor Escore	Média	Maior Escore	Menor Escore	Média	Média Total
EHH	Participante 1 45 pontos	Participante 2 22 pontos	34,8	Participante 3 39 pontos	Participante 4 27 pontos	34,8	34,8

Fonte: Autoria própria.

Procedimento de Desenhos-Estória com Tema

No segundo encontro foi empregado o Procedimento de Desenhos-Estória com Tema, com desenho temático e escrita de história. A solicitação foi “desenhe um adolescente que não está bem”. A ideia foi que cada participante se sentisse livre para responder à instrução. No que tange aos conteúdos das histórias, observou-se enredos que contaram sobre a vida de adolescentes que passaram por conflitos como bullying, dificuldade nos relacionamentos interpessoais, morte de familiar, separação dos pais, decepção amorosa e perdas materiais, que levaram a um impacto emocional. Algumas narrativas remeteram a adolescentes com

comportamentos de retraimento e isolamento, com sinais depressivos e ansiosos, que não conseguiram solicitar ajuda ou não foram notados pelas pessoas do entorno. Uma temática recorrente nas produções do 9º ano do EF foi o bullying, a busca por pertencimento e a dificuldade do adolescente ser incluído pelos pares. Já no grupo do 1º ano do EM apareceram temas como vício em jogos eletrônicos, uso abusivo de drogas e violência autoprovocada, com alusão à perda do sentido de vida. A seguir serão expostos os desenhos e as histórias dos estudantes que tiveram a maior e a menor pontuação na EHH, de cada turma.

9º ano do Ensino Fundamental | Participante 1 – 45 pontos EEH

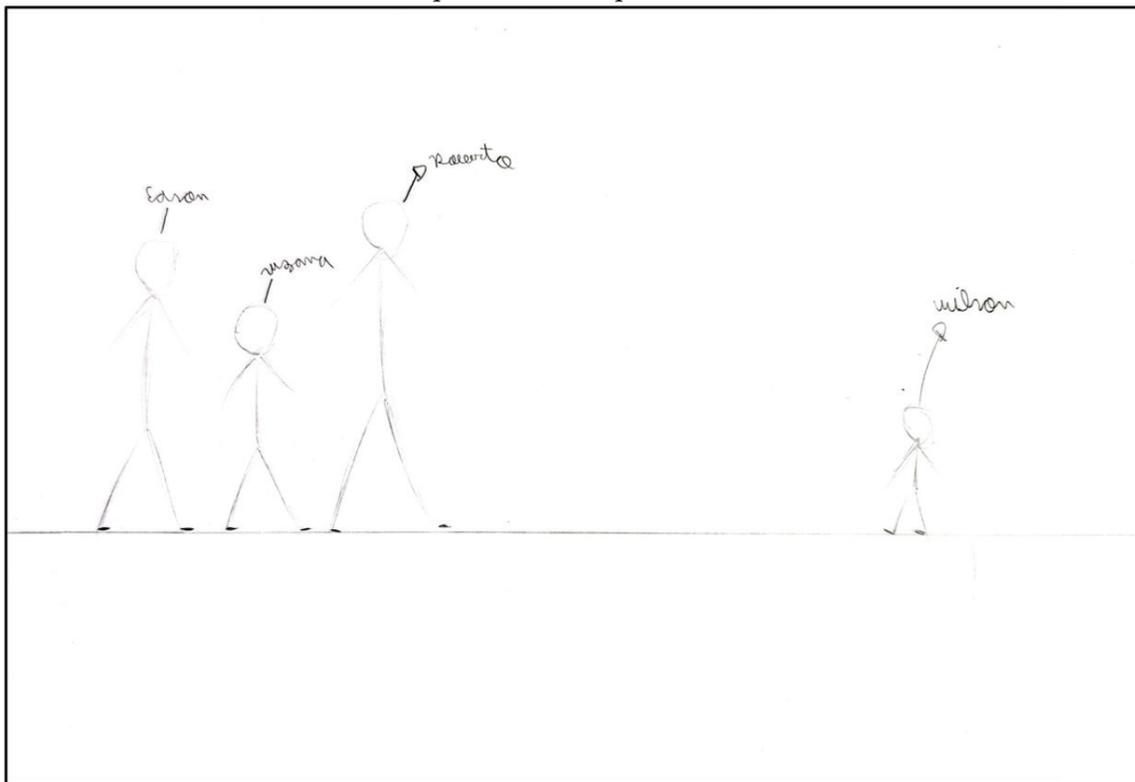


Figura 1 – Desenho Participante 1.

História: Roberto, Susana e Edson são um grupo de amigos, mas Wilson quer participar e não incluem ele por ser baixinho ou chamado de estranho.

9º ano do Ensino Fundamental / Participante 2 – 22 pontos EEH

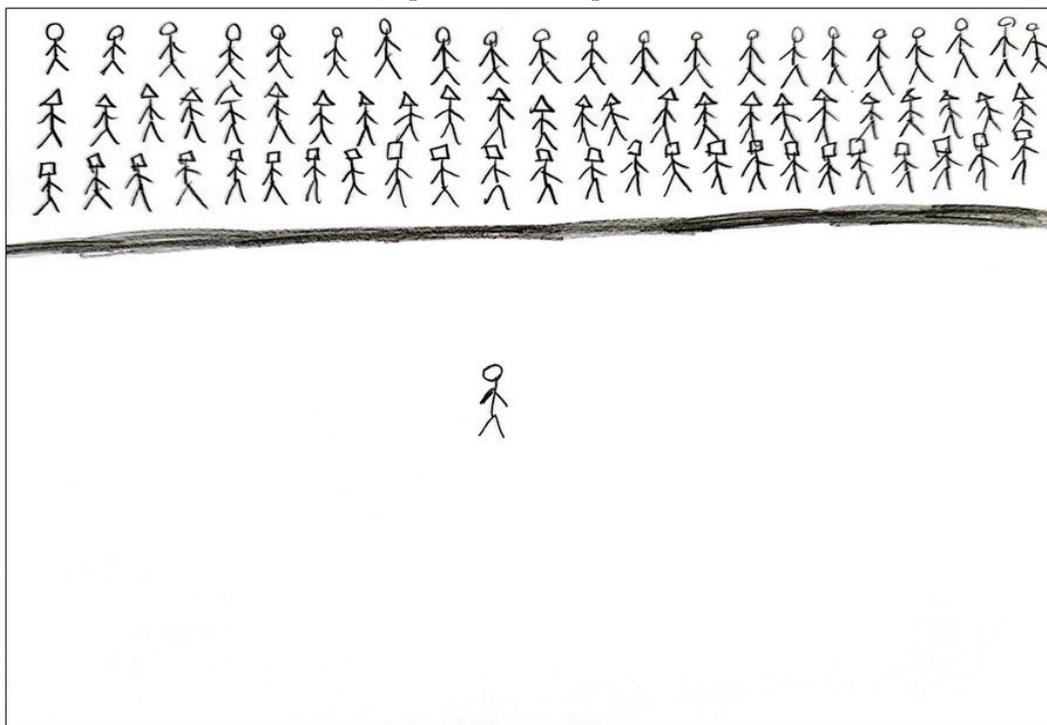


Figura 2 – Desenho Participante 2.

História: Um boneco de palito não queria ser como os outros. Ele sentia diferente dos outros bonecos e não se enturmava. Ele vivia sozinho por ser diferente; não seguir o padrão. Então, ele acabou sozinho, vendo todos os outros palitos de muito longe.

1º ano do Ensino Médio / Participante 3 – 39 pontos EEH



Figura 3 – Desenho Participante 3.

História: Era uma vez, a história de Thiago, um adolescente viciado em Fortnite, ele não conseguia para (sic) de jogar, sua vida se basea (sic) em jogar, ele não dorme direito e sua alimentação é péssima. Thiago desenvolveu esse vício durante a pandemia e até os dias de hoje ele se encontra viciado em seu quarto, que mais se assemelha a uma caverna, já que ele nunca sai. Os únicos lugares que ele frequenta é a escola, por obrigação, e alguns encontros organizados por João, seu amigo.

1º ano do Ensino Médio / Participante 4 – 27 pontos EEH



Figura 4 – Desenho Participante 4.

História: Uma adolescente com falta de vontade de viver. Nada mais fazia sentido para ela (frase genérica). Ela vive normalmente, rir (sic), conversa, come ... mas quando está sozinha ela não consegue pensar em coisas boas, apenas tristeza e choro. Ela já chegou a se auto-mutilar (sic), mas tem medo que seus pais vejam, e que seu irmão pequeno descubra que ela se machuca ... Ela é ótima em esconder suas emoções pois não quer deixar seus pais preocupados, tem medo de que eles briguem com ela por estar sentindo essas coisas. Às vezes ela pensa em se suicidar, mas não quer deixar seu irmão pequeno. Ela muitas vezes se esconde atrás das telas, fica horas e horas no celular sem se importar consigo mesma. Não sabe mais o que fazer, nem se quer (sic) para o seu namorado ela tem coragem de pedir ajuda ou chorar para mostrar sua tristeza.

Questionário

No terceiro encontro os estudantes preencheram um questionário com perguntas abertas sobre percepções acerca da vida atual, esperança, perspectivas de futuro e apoio social, com a finalidade de complementar as respostas objetivas da EHH. Em relação às respostas dos nove participantes do 9º ano do EF, grande parte dos alunos (sete) responderam se sentirem otimistas em relação à vida atual e reconheceram que a vida que possuem tem valor. Quatro disseram conseguir enfrentar os momentos difíceis, dois responderam que não, dois afirmaram depender da situação e um não respondeu à questão. Em outro tópico, sete adolescentes mencionaram recordar de bons momentos vivenciados. No que tange a planos de curto e longo prazo, as respostas foram diversas, mas tangeram o bom desempenho na vida escolar atual e outros interesses particulares. Alguns mencionaram o alcance de uma profissão futura, satisfação com a vida e um aluno respondeu não ter planos. No quesito suporte social, a maioria dos participantes (oito) citou poder compartilhar as suas experiências com a família e os amigos. Ademais foi mencionado como rede de apoio, figuras como namorado e psicóloga. Oito adolescentes disseram ter pessoas em quem confiar e um respondeu não saber. Sobre compartilhar os problemas com um adulto, grande parte (oito) respondeu ter alguém para contar, sendo familiares e algum profissional de saúde mental. No que diz respeito a acionar pais ou professores quando não se está bem, ainda que os adolescentes reconheçam poder solicitar ajuda, a preferência foi buscar resolverem sozinhos.

Apresentando as respostas dos seis participantes do 1º ano do EM, a maioria (cinco) dos alunos indicaram respostas positivas quanto à vida atual e esperançosas acerca do futuro. De forma geral, os participantes afirmaram se sentirem otimistas em relação à vida, acreditando que a vida tem valor e que possuem recursos para o enfrentamento das dificuldades. Todos responderam recordar de bons momentos que tiveram na vida. Quanto aos planos de curto e longo prazo, responderam ter objetivos futuros a serem alcançados, principalmente em relação ao ingresso no Ensino Superior e a uma carreira profissional bem-sucedida. No que tange à rede de suporte social, os estudantes mencionaram poder contar com o apoio da família, dos amigos e da(o) namorada(o). Um estudante respondeu não ter pessoas em quem confiar para ajudar. Sobre pedir ajuda a pais e professores quando não se está bem, os participantes do 1º ano do EM demonstraram preferência para resolver os problemas sozinhos, pedindo apoio apenas quando necessário.

No quesito esperança, ou seja, o que ajuda a ter esperança na vida, as respostas dos participantes foram várias. O grupo do 9º ano do EF citou principalmente projetos a serem realizados no futuro, espiritualidade e rede de suporte social, incluindo amigos e família. A turma do 1º ano do EM expressou temas como futuro, apoio social advindo da família e da escola, e espiritualidade. Para ilustrar os achados do estudo, a seguir será apresentado um quadro com as respostas do questionário dos participantes com maior e menor escore na EHH das duas turmas escolares.

Quadro 1. Perguntas e respostas do Questionário.

Perguntas	9º ano do Ensino Fundamental		1º ano do Ensino Médio	
	Participante 1 45 pontos EHH	Participante 2 22 pontos EHH	Participante 3 39 pontos EHH	Participante 4 27 pontos
Você se sente otimista ao momento atual?	Sim, porque eu estou indo bem socialmente e nos estudos	Sim, pois eu tenho tempo para escolher o meu futuro enquanto vivo a minha infância	Sim, pois está tudo bem na minha vida	Não, porque não tenho motivos para estar
Quais são os seus planos a curto e longo prazos?	Criar hábitos e melhorar meus vínculos sociais, ter uma boa vida financeira, pessoal, espiritual e conseguir aproveitar tudo isso	Meus planos a curto prazo são compras para o meu aniversário. Não tenho outros planos	Aproveitar ao máximo minha adolescência, treinar para ser jogador de futebol e ter uma carreira	Fazer faculdade, sair da casa dos meus pais com menos de 30 anos e ter um emprego de professora
Você tem pessoas para compartilhar as suas experiências?	Sim, meus pais e pessoas próximas que eu confio	Sim, meus pais	Namorada e pais	Nem todas, mas normalmente falo com meu namorado
Você acredita que pode enfrentar os momentos difíceis?	Sim, talvez sozinho ou com ajuda dos meus pais, amigos e pessoas que eu confio muito	Não, porque prefiro só os deixar passar e me esquecer deles	Eu acho que sim, pois tenho bastante apoio caso eu não consiga lidar sozinho	Sim, normalmente sozinha eu lido com tudo da minha vida
O que te ajuda a ter	A intenção de ser	A possibilidade de eu	O futuro, eu penso	Minha religião e meus

esperança na vida?	melhor a todo momento e ver que estou conseguindo	conseguir grandes riquezas e não precisar mais me preocupar com dinheiro	quantas coisas boas podem me acontecer	planos (principalmente faculdade)
O que você pensa sobre o seu futuro?	Que será feliz, próspero e que nunca estarei sozinho	Que ele será monótono e sem emoção	Eu espero que seja muito próspero para não envergonhar minha família e viver uma vida confortável	Tenho vontade de saber o que vai acontecer e espero que não demore
Você se lembra de momentos bons que já viveu?	Sim, uma viagem legal com meus pais	Não me lembro	Sim, do meu aniversário de 10 anos, com todos que eu gosto em volta de mim	Sim, quando eu saía com a minha avó para comprar chocolates
Você acredita que a sua vida tem valor?	Sim, eu acredito que sou importante e tenho um valor alto para algumas pessoas	Sim, porque se não tivesse, eu não existiria	Eu acho que sim, porque na minha concepção sou importante pra quem eu amo	Nem sempre
Em quem você pode confiar para te ajudar?	Família, amigos e pessoas de confiança	Nos meus pais e meus amigos	Pais, namorada e amigos próximos	Ninguém, resolvo meus problemas sozinha
Você sente que a sua família te aceita como você é?	Sim, ninguém implica com meu modo de viver ou ser	Mais ou menos. Tem comportamentos meus que eles aceitam e outros não	Sim, porque eles me amam e me incentivam a fazer tudo	Do jeito que sou ou aparento ser para eles sim, até porque não temos o costume de falar sobre mim e como eu sou, mesmo se falasse não iria expor tudo que sinto
Você pode falar sobre os seus problemas com algum adulto?	Sim, meus pais ou talvez um profissional	Sim, meus pais	Sim, meus pais	Não
Quando você não está bem, acha que vale a pena falar com seus pais ou professores?	Só se eu não estiver bem mesmo, se eu estiver muito mal eu costumo falar, mas não eu tento lidar sozinho, porque tem coisa que eu acredito conseguir lidar sozinho e coisas que não	Não, porque ou eu acho que posso resolver sozinho ou é algo que não é importante	Meus pais, porque não são todos os professores que eu acho confortável me expor	Não, pois não sei como eles poderiam me ajudar, pois os problemas são meus e não quero dar problemas para eles

Fonte: Autoria própria.

DISCUSSÃO

O trabalho teve o intuito de identificar a percepção de suporte social em adolescentes escolares e correlacionar com a avaliação do nível de esperança. Os instrumentos utilizados para o levantamento dos dados ofereceram resultados qualiquantitativos interessantes sobre o apoio social percebido pelos adolescentes e como se sentem em relação à vida atual e ao futuro.

Os resultados da Escala de Esperança de Herth (EHH) demonstram que os adolescentes de ambos os grupos, 9º ano do EF e 1º ano do EM, apresentam esperança moderada. Os estudantes que alcançaram maior escore na escala também indicaram no questionário se sentir otimistas quanto

à vida e positivos em relação às expectativas futuras. Ademais, na esfera de suporte social, apontaram ter uma rede de apoio para confiar. Esses resultados não representam que tais adolescentes sejam isentos de dificuldades e apenas mantenham sentimentos positivos. As produções do Procedimento de Desenhos-Estória com Tema elucidam bem as inquietudes dos adolescentes, envoltos em experiências de bullying, solidão, tristeza e uso excessivo das tecnologias. No entanto, as respostas do questionário sugerem que, de modo geral, os estudantes acreditam possuir recursos para o enfrentamento das adversidades e consideram possível construir uma vida satisfatória. Esse aspecto vai ao encontro da literatura, ao reforçar o

papel mediador e protetivo da esperança em meio a situações adversas experimentadas na adolescência, pois uma pessoa que mantém a esperança, tem mais chances de encontrar estratégias de adaptação, quando diante de situações estressantes (Ricker et al., 2022; Zhang et al., 2023).

Mesmo os participantes 2 e 4, que obtiveram menor escore de esperança (22 e 27 pontos), apresentaram uma pontuação razoável, considerando que a variação da EHH vai de 12 a 48 pontos. No entanto, os conteúdos levantados pelos demais instrumentos – desenhos-estória e questionário – oferecem indícios significativos que ajudam a compreender o impacto no nível de esperança desses participantes, quando comparados àqueles que lograram maiores pontuações na escala. Nota-se que o participante 2 obteve o menor nível de esperança de todos os participantes do estudo. A produção do desenho e a história elaborada pelo adolescente retrataram um cenário em que o personagem não se sentia pertencente por ser diferente dos demais. Ao não encontrar um lugar que se sentisse incluído, acaba sozinho. O questionário do participante 2 evidencia que ainda que o adolescente reconhecesse ter uma rede de apoio, o rebaixamento da esperança pareceu ligado a um prejuízo na autoestima, bem como às incertezas em relação ao futuro, à dificuldade em fazer planos e a capacidade de superar desafios. Por outro lado, a participante 4, a qual teve o segundo menor escore de esperança, mesmo tendo demonstrado certa perspectiva de futuro, indicou fragilidade em sua rede de suporte social. A produção do desenho-estória e as respostas do questionário expressam a solidão e o movimento de contar consigo própria para enfrentar as dificuldades. Winnicott (2022) menciona que pode aparecer uma certa apatia adolescente, comum nesta fase de confusão e turbulência. O adolescente, diante das incertezas sobre a pessoa que está se tornando pode encontrar refúgio no isolamento. Cabe ao ambiente de cuidado estar lá, respeitando as necessidades do adolescente e o acompanhando nessa passagem do tempo. Essa apatia precisa ser observada, pois em alguns casos é indício de prejuízos no bem-estar e na saúde mental. Uma pesquisa encontrou que adolescentes menos esperançosos podem apresentar alto retraimento social, de modo que uma das saídas do mundo real é o acesso indiscriminado à Internet (Li et al., 2021), elemento que apareceu

em diversas produções dos desenhos-estória do presente estudo.

Dando sequência ao tema da esperança, no questionário havia uma pergunta sobre o que ajuda a ter esperança, a partir do entendimento de cada participante. Verifica-se que a resposta mais frequente foi acerca do futuro, a possibilidade de lograr objetivos satisfatórios para a vida pessoal e profissional, conquistar uma vida que vale a pena ser vivida. Em segundo lugar apareceu o apoio social de família, amigos e escola. Esses resultados são convergentes com as pesquisas sobre esperança na adolescência. Estudos encontraram que o estabelecimento de planos futuros é fator positivo na adolescência, para tanto, faz-se necessário esperança e adaptabilidade para a manutenção da perseverança (Zhai, Chai, Shrestha, & Zhong, 2023). A esperança foi positivamente associada a fatores de bem-estar, como regulação emocional, autocuidado e procura por apoio social (Kirby et al., 2022).

Na esfera do suporte social, percebe-se que a maioria dos estudantes, de ambos os grupos, reconhece ter pessoas do entorno em quem confiar e com quem compartilhar experiências, sobretudo família, amigos e parceiros amorosos. Destaca-se que a participante 4, a qual teve o menor escore na escala de esperança do 1º ano do EM, respondeu não ser todas as pessoas com quem pode compartilhar suas vivências, citando apenas o namorado; além disso, afirmou não ter alguém em quem confiar para lhe ajudar. Esse resultado é consistente com a literatura, ao evidenciar a importância de o adolescente ter uma rede de suporte social, não apenas familiar, mas também comunitário, incluindo a escola; e o quanto a qualidade dos relacionamentos interpessoais pode interferir no nível de esperança (Archer et al., 2019; Thomas et al., 2022).

Na atual pesquisa, o apoio dos pais aparece como preponderante, quando comparado às demais figuras, incluindo professores. O estudo mostra que grande parte dos estudantes se sentem aceitos e incentivados pela família, possuindo uma percepção de suporte social familiar positiva, conforme aparece no questionário. Os pais foram referidos como figuras de apoio, sobretudo para a resolução de problemas. Os achados do estudo vão ao encontro das pesquisas científicas que reiteram como o bom funcionamento familiar e a percepção de apoio dos pais, pode incidir positivamente na esperança dos

adolescentes (Archer et al., 2019; Li et al., 2021). Winnicott (2021) lembra que o adolescente saudável é imaturo, terá comportamentos impulsivos motivados pela agressividade e pelo idealismo. A resolução das questões da adolescência seria a passagem do tempo, pois crescer leva tempo e, enquanto isso, a responsabilidade pela vida do adolescente deve ser assumida pelos pais.

No que tange o apoio familiar, as respostas da participante 4 despertam a atenção. Presume-se que ela não encontra no âmbito familiar espaço confortável para expressar e compartilhar sobre si e as dificuldades enfrentadas. Isso pode ser notado no Procedimento de Desenhos-Estória com Tema, em que retrata uma personagem sozinha, triste e que pratica violência autoprovocada, mas não procura os pais por receio de não ser acolhida. Um aparente distanciamento da relação parental também é percebido no questionário respondido pela mesma participante. Ela relata não ser um hábito familiar dialogar sobre como se sente e não acreditar poder contar com um adulto para solucionar os seus problemas. Winnicott (2021) aponta que mesmo na fase da adolescência a provisão ambiental continua sendo importante, seja para que a família seja usada ou dispensada, enquanto o adolescente busca atingir maior autonomia e existir a partir de si mesmo. “Os adultos são necessários para que os adolescentes tenham vida e vivacidade” (p.197), pois se os adultos abdicam da sua responsabilidade, receai aos adolescentes assumir uma falsa maturidade.

Quando se trata de dificuldades pessoais que envolvem questões emocionais e psicológicas, os adolescentes sinalizam buscar resolver sozinhos, recorrendo aos adultos apenas em situações específicas. A busca por maior autonomia na resolução de conflitos é um aspecto importante e saudável nessa faixa etária. É importante o adolescente ter iniciativa, tomar decisões, mas também saber quando e a quem recorrer, caso preciso. Esse resultado é convergente com a literatura psicanalítica sobre o amadurecimento saudável. Winnicott (2022) afirma que o adolescente em busca da sua identidade pessoal, tende a se afastar das figuras parentais, alternando entre “independência rebelde e regressão à dependência” (p.315). Ainda que a identidade não esteja estabelecida e o adolescente não saiba exatamente quem ele

é, há uma rejeição por tudo aquilo que é sentido como uma solução falsa e não genuína. Portanto, a resposta dos participantes ao optar por tentarem resolver sozinhos os seus problemas, denota um processo de amadurecimento saudável em curso, de reconhecimento da existência de um potencial individual para seguir com autonomia, sem desconsiderar a presença de adultos de referência em suas vidas.

Contudo, principalmente a resposta obtida no questionário da participante 4, diferenciou-se dos demais estudantes. Supostamente, a adolescente entende não valer à pena acionar os adultos quando ela não se encontra bem, pois além de não querer preocupá-los, não sabe como poderiam ajudá-la. Esse aspecto leva a pensar em uma certa descrença na confiabilidade do ambiente, o quanto seria difícil encontrar no meio familiar continência aos conteúdos conflitivos e incertos da adolescente. A forma como a participante se revela a partir dos instrumentos aplicados, fornece elementos que associam a um caso atendido por Winnicott (2019), de uma adolescente de dezesseis anos. Em determinado momento, diante da fala da paciente sobre sua condição emocional de tristeza, o psicanalista comenta que o estado depressivo da jovem tinha algum significado, possivelmente representasse o ódio direcionado à figura de cuidado que antes era confiável e deixou de ser. Nesse episódio, o autor esclarece a repercussão que a mudança no ambiente provedor pode causar no indivíduo, o qual pode se sentir desamparo.

Por fim, vê-se que a partir dos dados levantados no estudo, de um total de 15 participantes que compareceram aos encontros, três tiveram pontuação abaixo da média na escala de esperança. Os demais estudantes que inteiraram maior escore de esperança, no Procedimento Desenhos-Estória com Tema, expressaram desafios pertinentes à adolescência atual; evidenciando que conflitos relativos à faixa etária farão parte da experiência adolescente. No entanto, sobretudo pelas repostas do questionário, constata-se que permanece o vislumbre de um futuro positivo, bem como o reconhecimento da presença de uma rede de suporte social possível de ser acionada. Os resultados da pesquisa reiteram possíveis correlações entre percepção de suporte social e esperança na adolescência. Os adolescentes, cujo escore de esperança estavam acima da média, também indicaram poder

contar uma rede de apoio confiável para compartilhar vivências e solicitar ajuda.

CONCLUSÃO

O objetivo do estudo foi identificar a percepção de suporte social em adolescentes escolares e correlacionar com a avaliação do nível de esperança. Os resultados obtidos pelo levantamento de dados qualitativos e quantitativos oportunizou uma apreensão mais ampla sobre o assunto. Verifica-se que a maioria dos participantes reconhece a presença de uma rede de apoio social em suas vidas, sendo composta sobretudo por família, amigos, escola e parceiros amorosos. Os pais foram citados com mais recorrência, como figuras de suporte para os adolescentes. Isso reforça a importância da família como ambiente de confiança, cuidado e amparo nessa faixa etária, mesmo diante dos ensaios de autonomia dos adolescentes. A pesquisa ainda evidenciou que o nível de esperança dos estudantes se mantém moderada, o que representa que mesmo com as adversidades experienciadas nesse período do desenvolvimento, existe a capacidade para mobilizar recursos para suplantar os obstáculos, seja pessoalmente ou recorrendo ao apoio de terceiros. A contribuição do estudo está em reforçar a relação positiva entre esperança e apoio social, apoiando profissionais e instituições que lidam diretamente com esse público, no sentido de contribuir para o bem-estar e favorecer iniciativas de prevenção em saúde mental. Além de provocar a reflexão das famílias sobre o papel que ocupam no desenvolvimento saudável dos adolescentes. As limitações do trabalho podem ser enunciadas quanto ao tamanho reduzido da amostra, não permitindo generalizações dos resultados; também em relação à limitação das séries escolares incluídas na pesquisa. Estudos posteriores poderão ser beneficiados com um maior número de participantes, de várias séries escolares, além da inserção de mais variáveis para correlacionar com a esperança.

REFERÊNCIAS

- Ahrnberg, H., Appelqvist-Schmidlechner, K., Mustonen, P., Fröjd, S., & Aktan-Collan, K. (2021). Determinants of Positive Mental Health in Adolescents—A Cross-Sectional Study on Relationships between Positive Mental Health, Self-Esteem, Character Strengths and Social Inclusion. *International Journal of Mental Health Promotion*, 23(3), 361-374. <https://doi.org/10.32604/IJMHP.2021.016408>
- Aiello-Vaisberg, T. M. J. (1999). *Encontro com a loucura: transicionalidade e ensino de psicopatologia*. (Tese de Livre Docência). Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo. Recuperado de <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/livredocencia/47/tde-24022006-090139/pt-br.php>
- Archer, C. M., Jiang, X., Thurston, I. B., & Floyd, R. G. (2019). The Differential Effects of Perceived Social Support on Adolescent Hope: Testing the Moderating Effects of Age and Gender. *Child Ind Res*, 12, 2079–2094. <https://doi.org/10.1007/s12187-019-9628-x>
- Beattie, T. S., Prakash, R., Mazzuca, A., Kelly, L., Javalkar, P., Raghavendraet, T. ... Watts, C. (2019). Prevalence and correlates of psychological distress among 13–14 year old adolescent girls in North Karnataka, South India: a cross-sectional study. *BMC Public Health*, 19(48), 1-12. <https://doi.org/10.1186/s12889-018-6355-z>
- Creswell, J. W., & Clark, V. L. P. (2013). *Pesquisa de métodos mistos*. 2. ed. Porto Alegre: Penso.
- Dixon, D. D., & Scalcucci, S. G. (2021). Psychosocial Perceptions and Executive Functioning: Hope and School Belonging Predict Students' Executive Functioning. *Psychology in the Schools*, 58, 853–872. <https://doi.org/10.1002/pits.22475>
- Gil, A. C. (2017). *Como Elaborar Projetos de Pesquisa*. (6a ed.) São Paulo, SP: Atlas.
- Guan, J., Liu, B., Ma, W., & Liu, C. (2023). The relationship between negative parenting styles and suicidal ideation among Chinese junior middle school students: The roles of negative emotions and hope. *Psychology in the Schools*, 1–19. <https://doi.org/10.1002/pits.23081>
- Hu, Y., & Jiang, X. (2022). Hope as an engine mediating the relation between parental attachment and social problem solving skills in adolescents. *School Psychology International*, 43(3), 237-252. <https://doi.org/10.1177/01430343221091991>
- Jiang, Y., Ren, Y., Zhu, J., & You, J. (2022). Gratitude and hope relate to adolescent nonsuicidal self-injury: Mediation through self-compassion and family and school experiences. *Current Psychology*, 41, 935–942. <https://doi.org/10.1007/s12144-020-00624-4>
- Li, X.-K., Zhan, P.-S., Chen, S.-D., & Ren, J. (2021). The Relationship between Family Functioning and Pathological Internet Use among Chinese Adolescents: The Mediating Role of Hope and the Moderating Role of Social Withdrawal. *Int. J. Environ. Res. Public Health*, 18, 1-12. <https://doi.org/10.3390/ijerph18147700>
- Lu, Y. B., Wu, W. F., & Zhao, S. Y. (2023). How does parental emotion regulation influence Chinese migrant children's resilience? The chain mediating role of self-efficacy and hope. *Current Psychology*, 1-11. <https://doi.org/10.1007/s12144-023-04454-y>
- Ricker, B. T., Cooley, J. L., Sanchez, C. R., Gunder, E. M., Dooley, J. A., Chilton, M., & Ritschel, L. A. (2022). Prospective Associations Between Peer Victimization and Internalizing Symptoms in Adolescence: The Protective Role of Hope. *Journal of Psychopathology and Behavioral Assessment*, 44, 649–662. <https://doi.org/10.1007/s10862-022-09966-8>
- Sartore, A. C., & Grossi, S. A. A. (2008). Escala de Esperança de Herth: instrumento adaptado e validado para a língua portuguesa. *Revista Da Escola De Enfermagem Da USP*, 42(2), 227–232. <https://doi.org/10.1590/S0080-6234200800020000>
- Somers, C. L., Gill-Scalcucci, S., Flett, G. L., & Nepon, T. (2022). The Utility of Brief Mattering Subscales for Adolescents: Associations with Learning Motivations, Achievement, Executive Function, Hope, Loneliness, and Risk Behavior. *Journal of Psychoeducational Assessment*, 40(1), 108-124. <https://doi.org/10.1177/07342829211055342>
- Thomas, K. J., da Cunha, J., & Santo, J. B. (2022). Changes in Character Virtues are Driven by Classroom Relationships: A Longitudinal Study of Elementary School Children. *School Mental Health*, 14, 266–277. <https://doi.org/10.1007/s12310-022-09511-8>
- Kirby, K., Sweeney, S., Armour, C., Goetzke, K., Dunne, M., Davidson, M. ... Belfer, M. (2022). Developing Hopeful Minds: Can Teaching Hope Improve Well-being and Protective Factors in Children? *Child Care in Practice*, 28(4), 504-521. <https://doi.org/10.1080/13575279.2021.1924121>
- Winnicott, D. W. (2021). A imaturidade do adolescente [1968]. In

- Tudo começa em casa*. São Paulo: UBU Editora, p.177-198. (Trabalho original publicado em 1986).
- Winnicott, D. W. (2022). O atendimento hospitalar como complemento de psicoterapia intensiva na adolescência [1963]. In *Processos de maturação e ambiente facilitador*. São Paulo: UBU Editora, p.312-334. (Trabalho original publicado em 1965).
- Winnicott, D. W. (2019). O inter-relacionamento independente do impulso instintivo baseado nas identificações cruzadas. In *O brincar e a realidade*. São Paulo: UBU Editora, p.189-218. (Trabalho original publicado em 1971).
- Zhai, C., Chai, X., Shrestha, S., & Zhong, N. (2023). Grit and Career Construction among Chinese High School Students: The Serial Mediating Effect of Hope and Career Adaptability. *Sustainability*, 15(4), 1-11. <https://doi.org/10.3390/su15043608>
- Zhang, L., Roslan, S., Zaremohzzabieh, Z., Liu, K., Tang, X., Jiang, Y. ... Mohamad, Z. (2023). A serial mediation model of negative life events on school adjustment of left-behind adolescents in rural china: the central role of hope and gratitude. *BMC Psychiatry*, 23, 1-11. <https://doi.org/10.1186/s12888-023-05102-2>